

1962

ORAÇÃO DE PARANINHO

Por ocasião da colação de grau dos novos bacharéis da Faculdade de Direito da Universidade do Paraná, o Professôr Altino Portugal Soares Pereira, proferiu a seguinte oração:

Meus Colegas, Bacharéis do Cinqüentenário

Esta cerimônia de colação de grau é a solene afirmação de que o idealismo e a fé são capazes de erigir os monumentos consagradores das vitórias mais esplêndidas. É o atestado eloqüente e inconfundível de que o valor e a magestade das obras se aferem pelo descortino de seus idealizadores.

Fazem cinqüenta anos. No Palácio do Congresso Legislativo de nosso Estado, aos 19 de dezembro de 1912, com a evocação de sua emancipação política, lançava o Paraná as bases de sua Universidade, para conquistar a emancipação cultural de seu povo. E isto porque, emancipação política, sem a ciência e a prática da democracia, sem a altura necessária para o culto das liberdades, seria uma expressão de nenhum sentido.

Política é um departamento da cultura e emancipação é um predicado de personalidades.

De modo que, emancipado politicamente o nosso Estado, não quiseram os seus filhos ilustres uma autonomia simbólica, e, porisso, marcharam, resolutamente, na cruzada educativa e cultural de seu povo.

Marcharam e aqui estão.

São marcados os seus semblantes com a tenacidade invulgar e a fôrça de vontade férrea e inquebrantável de vencer.

Seus olhares compassivos dôces são centelhas do amor votado ao próximo, através de um estarrecedor espírito de sacrifício.

Seu porte sobranceiro e ereto é a fulgurante inteligência que

a tudo lidera, qual instrumento da probidade na modéstia sem par de atitudes que comovem.

Eles são o patrimônio augusto com que impulsionamos as forças do presente e o galardão de honra com que invocamos os dias do passado.

Marcharam e estão aqui, numa festa magna de cinqüenta anos bem vividos, com a afirmação estuante de sua glória.

E vós, Amigos Meus, Bacharéis do Cinqüentenário da Universidade, e vós, Meus Colegas, na pureza de vossos corações, no enlêvo de vossos sonhos, na intransigência impenitente de vossas justas reivindicações, sois uma parcela cintilante daquele espírito universitário, que imortalizou Nilo Cairo, Vitor do Amaral e Macedo Filho.

No esplendor desta noite feliz, tendo à frente vosso Magnífico Reitor e vossos mestres, ao mesmo tempo encarnais a glória da fundação de 1912 e reviveis o júbilo inextinguível da restauração de 1946.

Estes dois momentos históricos do nosso Paraná, eu o sei, estão gravados indelévelmente no vosso íntimo, onde ressoam as notas comoventes do hino de vossa gratidão.

Exultemos, pois, alunos e mestres, nesta solenidade de colação de grau, porque ela também é a solene festa do pioneirismo paranaense, que deu ao Brasil sua primeira Universidade.

Ao Magnífico Reitor, Prof. Flávio de Lacerda, batalhador incansável do presente, signifiquemos, neste instante, as nossas congratulações e reafirmemos a inteira confiança nos altos destinos que a Universidade nos reserva.

E' necessário que as Universidades, cada vez mais identificadas com o povo, busquem o meio para o seu aprimoramento, tomem a si a tarefa de sua recuperação, propiciem-lhe o ambiente de tranqüilidade e confiança, buscando, com sinceridade, a solução de seus problemas vitais.

Um procedimento desta ordem explica a relevância de sua função e estimula o povo a não descreer do homem e, principalmente, de sua capacidade realizadora.

Às Universidades compete formar a consciência integral da sociedade, em que os valores da cultura e da técnica sejam equidistantes dos valores éticos.

Das verdadeiras elites, em que essa consciência é imanente, deverão sair os líderes da sociedade, para que tenha esta um govêrno e siga um rumo.

E êste rumo e êsse govêrno, por certo, não hão de vir das trevas.

São de Roland Corbisier estas palavras:

"Aos intelectuais, portanto, que representam o espírito, cabe essa tarefa insubstituível e decisiva, de preparar as atmosferas, de agir sobre as consciências, de esclarecer os espíritos, de apontar rumos, de procurar as soluções, de lutar contra a injustiça, de defender o homem e a sua dignidade. Se não conseguimos agir, evitando o triunfo da incompetência, da mediocridade e da impostura, é porque nos falta entusiasmo, ardor, vontade de lutar, e se nos tornamos incapazes de lutar é porque não acreditamos mais em nada, é porque não acreditamos mais em nós mesmos, na força e na fecundidade do nosso espírito".

Esta é uma grande verdade, Meus Senhores.

Mas, a Universidade aí está, não para ser prês de aventureiros e mistificadores e sim para trabalhar estôicamente pelo esclarecimento do homem e pelo bem da sociedade.

Na dinâmica social, ela é um órgão propulsor. E integrada, perfeitamente, em sua alta missão, será sempre um reduto inexpugnável aos que não têm estatura para defrontá-la.

A cultura e o trabalho, a fé e a energia moral constituem sua divisa única. E êste dístico não se improvisa.

Os medíocres e os irresponsáveis passam pelos govêrnos, sem governar, porque são condutores efêmeros.

Os verdadeiros líderes conduzem, até quando pelos govêrnos não passam.

E' complexa a noção de liderança.

Nem só a cultura, a proficiência, o valor desmedido, o dinamismo formarão o líder, se êle não fôr probo, se a sua vontade não fôr firme, se a sua capacidade de desprendimento fôr pequena e se o seu ideal não brotar do coração.

Nunca os verdadeiros líderes se fizeram tão necessários, como nesta quadra de nossa vida. Nesta quadra do desenvolvimento do país e do progresso do mundo.

Todo o desenvolvimento e todo o progresso, como fenômenos de crescimento, trazem um desequilíbrio, que só a reflexão e o comedimento poderão restaurar.

A conturbação de consciências, a exaltação de ânimos, advindas sempre de condutores falsos, nos momentos mais agudos das crises, sòmente servem para inaugurar períodos de desentendimentos e desordens.

E' preciso, pois, que se preserve a sociedade, para que ela não

chegue à situação paradoxal, de não poder saborear o fruto de seu esforço e ver lançar-se o homem, obstinadamente, contra seus maiores interesses.

Não se argumente com o desenvolvimento, para se subordinar o homem a fatos materiais, que têm um sentido finito. O seu engrandecimento não pode ser, ao mesmo tempo, a sua diminuição, o seu sacrifício capital.

Esteja a criatura humana a salvo de todos os servilismos.

Cumpra o Estado seu papel de instrumento com que o povo procura seu bem estar, seu aprimoramento e sua felicidade.

Na era da energia nuclear, quando se abrem horizontes noutros mundos, reste em paz a comunidade internacional, pelo respeito mútuo, entre as nações, pela cordialidade e pelo amor entre os povos, para que se acredite na sua inteligência.

Um dos problemas capitais, cuja solução se desdobra em soluções de inúmeros problemas, é o da manutenção de uma ordem jurídica atualizada e capaz de assegurar, pela sua eficiência, a realização dos mais altos anseios. A construção dessa ordem, que deve acompanhar **pari passu** o desenvolvimento da sociedade, também não é obra de improvisação, nem se traduz no desbarato das instituições existentes. Ela não prescinde dos valores conspícuos, nem dispensa as grandes credenciais, porque, como obra de sabedoria, tem de atender a tôdas as necessidades como tem de acudir a todos os

Constituições e Códigos hão de retratar sempre o sentir e o pensar daqueles para os quais são elaborados. Não se podem divorciar da realidade, porque se irão estiolando como as fôlhas de velhas árvores. É natural e preciso que haja uma alteração. É assim que se processa a chamada evolução do direito, que sempre existiu e é o reclamo perene das sociedades. Mas, essa alteração é sempre ditada pelas sociedades e nunca confeccionada para elas.

O direito, como grande valor de cultura e fator de coexistência humana, nunca se diluirá.

Disse muito bem o Prof. Haroldo Valadão que "o direito, fôrça espiritual e moral, ao se democratizar e socializar, amplia-se, não para se politizar, economizar ou tecnizar, mas para dar juridicidade à Política, à Técnica e a Economia, impondo em sua aplicação social, os dados fundamentais de Justiça e de Equidade".

Efetivamente, é uma grande verdade, Meus Senhores.

O direito em tudo se mistura mas prepondera sempre.

Por isso mesmo, os seus mandamentos, expressos nas leis e nos

tratados, não de viver na consciência do gênero humano, para a preservação de sua dignidade e como afirmação grandiloqua de seu poder.

Sobreleva em importância uma cultura jurídica bem ministrada, porque, sendo o Direito o tegumento protetor de tôdas as coisas e envolvente de tôdas as relações entre os homens, é porisso mesmo o meio mais eficaz para o real aproveitamento e consolidação de suas conquistas.

A cultura jurídica não deve ser um amontoado de conreitos, mas a vivência e a dinamização de tôdas as fórmulas do direito. Ao armazenamento de sapiência jurídica deve sobrepujar um conjunto de atitudes juridicamente sábias.

Meus diletos amigos, bacharéis do cinquentenário.

Ireis trilhar caminhos novos. Só êles são diferentes. A vossa posição continuará a ser a mesma, nesta linha inflexível do cumprimento dos deveres.

E' êste o momento em que dispersais para a faina da vida. Dispersais, é certo, mas no pról de nossa coesão.

Grandes estradas se abrem para o vosso caminhar. Largos horizontes se descortinam para a vossa fé e para a vossa inteligência.

A Magistratura, a Advocacia, o Ministério Público, a Diplomacia, as Consultorias Jurídicas, a Cátedra Universitária, os Parlamentos serão campos da mesma luta, em que se acham acastelados os mesmos inimigos.

Em todos êles, batalhareis contra a injustiça, a iniquidade e a prepotência. Em todos êles, defendereis a liberdade, a equidade e a justiça.

Buscai serenidade de ânimo, para que nunca se obscureça vossa inteligência e, assim, não se oblitere vossa razão, que comanda as atitudes.

A liberdade que tereis de recuperar para vossos constituintes, ou que tereis de restituir a vossos jurisdicionados ou que tereis de conceituar e garantir para vosso povo, como disse Fulton Sheen não será, nem a necessidade de fazer o que o ditador lhes imponha, nem o direito de fazerem o que lhes pareça, mas o direito de fazer o que realmente êles devem. Nunca a liberdade negada, nunca a liberdade desenfreada, sempre a liberdade legítima, assegurada pela lei que emane do povo.

E' difícil fazer justiça.

O sábio Rui Barbosa disse, na Oração aos Moços;

“A regra da igualdade não consiste senão em quinhoar desigualmente os desiguais, na medida em que se desiguam.”

Nesta desigualdade social, proporcionada à desigualdade natural, é que se acha a verdadeira lei da igualdade”.

E' certo, Meus Senhores.

Nem as montanhas da mesma cordilheira, nem os acidentes do mesmo rio trariam mais encanto pela similitude.

Sampáio Dória afirma, com razão:

“A igualdade não é princípio equívoco. Só suscita debate, quando se confunda capacidade de direitos com exercício de direitos, igualdade na capacidade com igualdade no exercício.

Ninguém negará, por exemplo, aos Estados Unidos o exercício do direito às águas territoriais do Atlântico e do Pacífico, que lhe banham as costas, ou ao Brasil o exercício de igual direito às do Atlântico, ou, ainda, à Suíça a nenhuma.

Nem por isto são desiguais os Estados Unidos, o Brasil e a Suíça. Se o Brasil adquirisse um pôrto no Pacífico, ou a Suíça uma saída por qualquer dos mares, logo exerceriam o direito adquirido às águas territoriais dos portos anexados.

E' que o Brasil e a Suíça são tão iguais como todos na capacidade de direito. Para dissipar as dúvidas, basta atentar na distinção inequívoca, que aprende no primeiro ano das escolas de direito, entre direitos fundamentais e direito adquiridos. Na esfera dos direitos adquiridos, não há dois iguais. Na dos direitos fundamentais, não há desiguais”.

Meus Colegas, o que não deveis fazer nunca é desigualar os homens naquilo em que êles se igualaram.

Se, na aplicação do Direito, não distinguirdes as posições, as fortunas e a procedência das pessoas, tereis tratado a todos com igualdade e tereis realizado a justiça menos imperfeita dos homeris.

Colegas, quando nas encruzilhadas do Direito, a sua complexidade vos angustiar, por falta de uma diretriz segura, quando as dificuldades e as dúvidas vos enevoarem os olhos para a luz refulgente da Justiça e não puderdes, siquer, lobrigá-la, quando não tiverdes a quem recorrer para uma orientação, que não achardes nos livros, voltai-vos para vós mesmos, voltai-vos para o vosso íntimo e cumpri o mandamento de vossa consciência incorruptível.

A intuição e o bom senso serão coadjutores mais percucientes que os conselheiros fáceis e contraditórios.

O Direito está em vosso íntimo.

Orozimbo Nonatto, o Ministro Preclaro, disse, com muita acuidade:

“A verdadeira crise do direito se ostentaria em tôda a sua hediondez e degradação, quando êsse sentimento minguisse ou desaparecesse do espírito e do coração dos homens”.

X X X X

Amigos, agora é o momento de agradecer-vos a honra insigne que me concedestes, fazendo-me vosso paraninfo.

Elegestes para esta solenidade o professor de Direito Civil, que, durante quatro anos, não teve uma trégua para vos dirigir urna manifestação de simpatia, para vos prometer aulas mais brandas; o professor que, preocupado com suas responsabilidades, nunca vos fêz concessões.

Nem isso vos molestou.

A vossa têmpera é rígida, mas o vosso espírito é complacente.

No dia em que me recebestes, sob aplausos, dizendo-me que eu seria o paraninfo da Turma do Cinqüentenário da Universidade, não me passou despercebida a ênfase que, intencionalmente, vosso intérprete pôs em suas palavras, qual um afago de amigo.

Aquêlê momento grato eu o guardarei como um bem precioso e legarei a meus filhos, para que conheçam as virtudes da mocidade.

Aceitei, agora, minhas congratulações sinceras pela proveitosa conclusão de vosso curso.

Apraz-me, imensamente, saudar, com efusão, vossos extremecidos pais e as demais pessoas queridas de vossas famílias, que se equiparam a vós, nesta alegria, mas vos sobrepujaram, com vantagem, no sofrimento que a precedeu.

Ao bacharelado Nabor Moraes da Silva Neto, vosso brilhante orador, agradeço as expressões generosas, que me trouxeram muito estímulo.

Não irei deter-vos por muito tempo, para que possais abraçar, afetuosamente, os vossos entes queridos e transfundir, nessa expansão do espírito o vosso agradecimento.

Como os meus diletos amigos, bacharéis de 1950, de 1954 e de 1958, passais a ser os meus novos juristas.

Agora, podeis seguir.

Não vos farei quaisquer advertências.

Vejo que sobraçais duas grandes bandeiras; Oscar Martins Go-

mes, vosso Patrono, e Ary Florêncio Guimarães, nome de vossa turma.

A bandeira é, ao mesmo tempo, um símbolo e uma inspiração.

Êstes nomes ilustres, que levais para as vossas refregas, significam a retidão e a clarividência.

Mantende hasteados êstes dois lábaros, motivos autênticos de nosso orgulho e reparai que as vossas cabeças estarão sempre erguidas.

Segui com Deus, Meus Amigos.

Sêde felizes.

A causa do direito vos chama.